



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SUELLEN DOS SANTOS RAMOS**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-476

**Entrevistado:** Suellen dos Santos Ramos

**Nascimento:** 09/05/1988

**Local da entrevista:** CEME, Porto Alegre – RS

**Entrevistadora:** Claudia Yaneth Martinez Mina

**Data da entrevista:** 15/11/2014

**Transcrição:** Eliana Ribeiro de Freitas

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 39 minutos e 38 segundos

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

### **Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no futsal e futebol; Motivação; Aulas de Educação Física; Participação em campeonatos; Escolinhas de futebol; A experiência de jogar em um time profissional de futebol; Clubes que jogou e as competições; Experiência dentro do futsal na equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Significados da prática esportiva; Feminilidade; Cuidados com o corpo; Questões de gênero no futebol.

Porto Alegre, 15 de novembro de 2014. Entrevista com Suellen dos Santos Ramos a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Boa tarde “Su”, muito obrigada por aceitar nosso convite para falar sobre a sua vida, sobre a sua trajetória dentro do esporte, especialmente no futsal e futebol. Então, eu queria fazer uma pergunta para você. Queria saber quando você era muito criança, quais eram as brincadeiras que você gostava de fazer?

S.R. – Olha, a brincadeira que eu mais gostava era jogar futebol. Eu fui criada em um pátio, digamos assim, que tinham muitos meninos. Tinha uma menina também, mas em maioria eram meninos. Então, eu gostava de jogar futebol e brincar de boneca. Eram as coisas que eu mais gostava. Tinha várias Barbies, casas de Barbie, carro de Barbie, tudo voltado para esse mundo das bonecas e tinha algumas bolas de futebol também, então, era mais ou menos isso.

C.M. – Com quem você jogava futebol e com quem brincava com as bonecas?

S.R. – Com as bonecas eu brincava com a minha amiga, essa menina que morava no mesmo pátio que eu. E futebol eu jogava com os outros meninos.

C.M. – Ela não gostava?

S.R. – Gostava pouco. Quando jogava era só ali no pátio, mas eu jogava na rua com eles.

C.M. – Era só uma amiga que você tinha, amiga mulher?

S.R. – Sim. Assim de fora da escola sim.

C.M. – E os brinquedos, por exemplo, a bola, que você tinha como brinquedo. Essa bola que sua mãe comprou, ela te motivou de alguma forma para começar a jogar futebol?

S.R. – Sim. Eu não lembro quando eu comecei a jogar exatamente. Mas eu lembro que foi desde muito pequena, uns seis anos de idade, sete, eu já ia para a rua jogar com os meninos. Teve algum aniversário ou natal que eu pedi para ela uma bola, uma bola de futebol, e ela sabia que eu gostava de jogar. Ela me deu a bola, sem nenhum questionamento, simplesmente deu.

C.M. – Você falou agora sobre a escola. Quando estava na escola o que você gostava de fazer no momento do recreio?

S.R. – Correr, correr muito. Gostava muito de correr, de me pendurar, de sempre estar fazendo alguma coisa assim. E era, na grande maioria das vezes, com os meninos. Tinha algumas amigas na escola também, mas tinha mais amigos meninos. Acho que era meio equilibrado, mas acho que eram mais essas brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, tudo bem ativo.

C.M. – Você falou agora que não lembra quando começou a jogar futebol, mas pode fazer um esforço para mais ou menos identificar esse momento em que você começou?

S.R. – Olha, eu lembro mais ou menos, tenho alguns “flashes” na memória de quando e como eu jogava. Eu lembro que estava no colégio, que ainda estava na terceira ou na segunda série, mas eu jogava na rua, e eu era a única menina entre vários meninos da rua e dos meninos que moravam no mesmo pátio que eu. Eu era sempre a única que jogava, mas deve ter sido...

C.M. – Quantos anos mais ou menos você tinha?

S.R. – No máximo uns sete ou oito anos.

C.M. – Então voltamos para a escola e na aula de Educação Física, normalmente o que se fazia quando você estava na escola, nos primeiros anos?

S.R. – É engraçado, mas eu só lembro das aulas que tinham futebol. [RISO]

As demais aulas eu não me lembro. É que assim, até a quarta série eu estudei em um colégio e depois da quinta até a oitava eu estudei em outro colégio. Então até a quarta série eu não lembro de praticamente nada em relação a Educação Física. Mas da quinta até a oitava eu tive uma professora que incentivava bastante o esporte independente de qual fosse. Então nós tínhamos quatro bimestres. Era dividido em quatro partes, o ano, em cada parte a gente via um esporte: vôlei numa parte, futebol na outra, basquete e handebol. Então eu me lembro de ter praticado todos esses esportes.

C.M. – Não eram diferenciadas essas aulas. Todas as meninas e meninos tinham que jogar esses esportes?

S.R. – Sim.

C.M. – Não era diferenciado?

S.R. – Não. Claro que tinham, algumas vezes, acho que mais nos momentos livres, dentro da própria aula, ou aquela última aula do mês, última aula do bimestre que aí as meninas jogavam vôlei e os meninos jogavam futebol. E eu ficava muito incomodada de ter que jogar vôlei porque afinal eu gostava muito de jogar futebol.

C.M. – Você jogava vôlei?

S.R. – É, jogava mais por uma brincadeira. Não levava tão a sério quanto levava o futebol.

C.M. – Mas nesse momento, você jogava vôlei porque as outras meninas também estavam jogando?

S.R. – Sim, exatamente. Eu gostava também, mas se eu tivesse que escolher eu escolheria o futebol. Eu não me lembro de terem me impedido de jogar. Mas eu lembro que até as próprias meninas ficavam meio assim: “Ela vai jogar futebol, está sempre com os gurus, parece um guri.” Porque eu não estava nem aí. Eu me vestia do jeito que eu achava que devia, minha mãe foi sempre bem tranquila então eu estava sempre com uma calça mais

larga, uma camiseta mais larga, sempre um “tênisinho” de futsal nos pés, ou outro tipo de tênis. Nunca fui de usar muito sandalinha, vestido. Vestido não existiu. [RISOS]

C.M. – Tua mãe deixava que você escolhesse a roupa?

S.R. – Sim. Quando a gente ia às compras, ela quase sempre me levava junto, e eu sempre escolhia umas roupas um pouco mais, ditas masculinizadas, masculinas.

C.M. – Como o quê?

S.R. – Como blusas com super-heróis, camisetas com super-heróis, calças de moletom, o que mais... tênis... Tinha o tênis azul e o tênis rosa, tinha o chinelo azul e o chinelo rosa. Eu sempre pegava o tênis e o chinelo azul.

C.M. – Voltando à escola. Alguma vez, dentro da escola, alguma menina falou alguma coisa para você por estar jogando com os meninos?

S.R. – Sim.

C.M. – O que falaram?

S.R. – Teve um fato muito curioso porque na quinta série, como eu troquei de colégio, eu tive que estudar de tarde, e na minha turma tinham muitos repetentes, ou seja, tinha alguns meninos e meninas mais velhas. Tinham no total da chamada cinco meninas. Só que eu era a única que frequentava a aula. Então era eu no meio de todos os meninos. No recreio, eu jogava “bolita” com eles, eu jogava pião com eles, eu jogava futebol com eles. Então, as meninas das outras turmas começavam a falar assim: “Parece um guri, parece um menino, ta sempre com os meninos, ‘a gurizinho’.” Esse tipo de coisa. Até que teve um campeonato, dentro do colégio, de futsal. Não foi só de futsal. Em que a professora juntou as turmas para que eu pudesse jogar junto. Aí as meninas: “Como assim só tem tu na tua turma de menina.” Mais ou menos assim. Teve uma vez até que, eu não sei, estávamos indo para a sala, eu e os meus colegas, e uma guria passou falando assim: “A gurizinho, só anda com os gurus”. E os gurus me defenderam. Foi bem legal porque eles me defendiam,

eles me agregaram ao grupo deles. Eles não me excluía[m] de nenhuma forma, de nenhuma maneira.

C.M. – E os professores também incentivavam ou eles tinham precaução com essa questão?

S.R. – Da quarta à oitava série eu tive uma professora de Educação Física que era excelente, ela sempre incentivava que eu jogasse, sempre queria que eu jogasse. Quando eu passei para o ensino médio o colégio já tinha um time de futsal específico. Mas também era aquela coisa de vôlei para as meninas e futsal para os meninos. E às vezes não me deixavam jogar futsal com os meninos porque eu ia me machucar, porque só os meninos podiam jogar. E eu ficava bem incomodada com isso, mas o professor que era responsável pelo time, ele sempre incentivou bastante tanto que o projeto se manteve durante boa parte do tempo em que estava estudando. Pelos três anos eu segui jogando futsal lá na equipe do Colégio Estadual Protásio Alves, que era o colégio que eu estudava.

C.M. – Mais ou menos, quantos anos você tinha?

S.R. – No Ensino Médio. Quinze. É quinze anos.

C.M. – Na adolescência, no tempo de descanso, recreio o que fazia?

S.R. – Ficava mais conversando mesmo, interagindo com meus colegas. Foi muito diferente a transição do ensino Fundamental para o Médio. Parece que eu botei na minha cabeça assim. Porque no ensino Fundamental eu sempre fui muito tímida, reservada, não gostava, de socializar muito. Mas quando eu fui para o Ensino Médio, que eu ia trocar de colégio, conhecer pessoas novas, eu vi uma oportunidade de, mostrar uma outra pessoa. Então eu comecei a fazer outras amizades e não só com meninos, mas com meninas também. E nessa época eu jogava em escolinha, jogava na escolinha do Inter<sup>1</sup>. Então as pessoas já sabiam que eu praticava e tal, mas no recreio não tinha mais aquela questão lúdica das brincadeiras. Era mais conversa, era mais ir comprar um lanche, era mais socialização, mais socializar com os colegas.



C.M. – E as aulas de Educação Física?

S.R. – As aulas de Educação Física eu lembro que eram bem separadas. As meninas tinham aula com um professor e os meninos tinham aula com outro professor.

C.M. – E faziam atividades diferentes?

S.R. – Na maioria das vezes era vôlei ou handebol para as meninas e futsal para os meninos. Ou o que a gente quisesse fazer, só que eu era sempre a minoria. [RISOS] Eu queria jogar futebol, queria jogar futsal, só que a maioria das meninas não queria. Às vezes tinha dança, lá de vez em quando, outra atividade, mas eram mais esportes e os esportes que não tinham tanto contato.

C.M. – E nessa transição do Ensino Fundamental para o Médio, você também mudou algumas coisas, na forma de vestir ou continuou com os mesmos gostos?

S.R. – Eu mudei.

C.M. – E como foi?

S.R. – Acho que eu fiquei, não sei, um pouco mais [PAUSA], me esqueci a palavra: Quando tu quer te vestir, te arrumar um pouquinho mais.

C.M. – Vaidosa.

S.R. – Fiquei mais vaidosa. Daí eu já colocava uma blusinha um pouquinho menos larga, uma calça mais apertada, gostava de arrumar o cabelo, o cabelo tinha que estar sempre bonito. No ensino Médio que eu fui me descobrindo, amadurecendo em relação à aparência e, não sei, fiquei bem mais vaidosa.

C.M. – Porque acha que aconteceu essa mudança?

---

<sup>1</sup> Sport Club Internacional.

S.R. – Eu acho que grande parte por influência, de repente, das meninas que eu estava convivendo agora e não sei, não sei te dizer ao certo. Acho que me libertei, sei lá.

C.M. – E calçado. O que você gostava?

S.R. – Tênis.

C.M. – Continua com o tênis?

S.R. – O tênis é meu companheiro desde sempre em relação a calçado. Claro eu comecei a colocar uns saltinhos, pois eu comecei a frequentar festas, coisas que eu não fazia, mas era sempre bem reservada. Eu não gostava de me maquiar, nunca gostei de me maquiar, de colocar saltos ou roupas espalhafatosas, usar muito brinco, joia essas coisas. Só fiquei mais vaidosa em relação a outro momento.

C.M. – Então vamos voltar para o futsal. Você jogou futsal e futebol?

S.R. – Comecei jogando futebol.

C.M. – E quando fez essa transição para o futsal?

S.R. – Na faculdade, não, não, mentira. No colégio porque eu comecei jogando futebol na escolinha do Inter em 2000, 2001 e em 2003 eu entrei no colégio e no colégio tinha time de futsal. Foi aí que eu comecei a jogar futsal.

C.M. – Percebeu alguma diferença entre jogar futebol e futsal?

S.R. – Naquela época para mim era tudo a mesma coisa. Tem uma bola é futebol. Hoje que eu percebo que tem muita diferença porque eu joguei campo um tempo atrás e é totalmente diferente, a bola, o piso, o espaço. Mas quando eu comecei essa transição para o futsal era só o espaço que mudava. Tudo continuava a mesma coisa.

C.M. – Você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal, esse esporte particular, você pode descrever como é ser uma mulher que joga futsal?

S.R. – Uma mulher que joga futsal. “Bah”, é muito difícil.

C.M. – Você como jogadora de futsal.

S.R. – Eu como jogadora de futsal. Sempre foi muito difícil porque além de ter que conciliar os estudos, ter que conciliar o trabalho também, tem mais os treinos. Então, tem uma hora que alguma coisa tu vai ter que deixar a desejar, ou tu vai fazer tudo de uma vez, que é o que normalmente acontece comigo. É muito difícil porque tu não consegue focar só no esporte, só na modalidade, tem sempre alguma coisa a mais para pensar, como o trabalho e o estudo. E tu não ganha para jogar, às vezes até paga para poder jogar, uma passagem, deslocamento, alimentação. Mas eu não me arrependo, não me arrependo de nada. Se eu tivesse que trilhar esse mesmo caminho, eu trilharia porque o futsal me trouxe muito mais do que me tirou.

C.M. – Bom, vamos falar de outras coisas. As dificuldades que o futsal trouxe para a sua vida? Começamos por quais são as maiores dificuldades para você que é mulher e joga futsal.

S.R. – Acho que é o preconceito. Quando tu diz que joga futsal, já te olham desconfiado. Já te olham com olhos de: “Ela joga futsal”. Então é difícil por isso. Enquanto os meninos têm mais oportunidades, as meninas têm que ficar esperando por um milagre. E grande parte disso é por causa do preconceito. E tem a falta de incentivo, tem a falta de investimento. Na Universidade a gente até tem muita sorte, digo sorte, pois isso não acontece na maioria dos locais de prática de futsal feminino. Na Universidade se consegue distribuir bem os campeonatos, materiais, quando tem que fazer uniforme. O que mais? Essas questões em relação ao time. Eles não diferenciam muito entre meninos e meninas. Mas tem que estar sempre em cima.

C.M. – Alguma vez você, agora adulta, passou por alguma situação de preconceito? Tem algum episódio para contar relacionada com o preconceito por jogar futsal?

S.R. – Olha, com certeza já. É que às vezes a gente não enxerga como acontece. Mas me lembro de algumas situações que eu vivenciei no campo e não faz muito tempo. Faz uns três anos assim. A gente estava jogando o Campeonato Gaúcho e os próprios torcedores falando: “Vão lavar uma roupa; lugar de mulher é no tanque, é no fogão; o que vocês querem jogando futebol”. Coisas do tipo. Mas dentro do futsal é mais essa questão de falta de oportunidade mesmo, que eu vejo como um grande preconceito porque a oportunidade é dada para eles, mas não é dada para a gente.

C.M. – O que te motiva a seguir jogando a pesar dessas dificuldades?

S.R. – Olha, eu acho que principalmente a paixão, o amor que eu sinto pelo o esporte e as minhas companheiras, minhas companheiras de time. Não sei se eu... Eu com certeza teria continuado jogando de alguma maneira, não nesse nível que nós nos encontramos hoje, eu digo nós na Universidade, UFRGS<sup>2</sup>, mas as minhas companheiras de time são, acho que, as grandes, minhas principais motivadoras. Mas é amor também né. Muito amor pelo o que a gente faz, porque é difícil. Mas se eu tivesse que atribuir à alguma coisa ou a alguém, seria a elas.

C.M. – E aquelas coisas que o futsal trouxe para a tua vida, quais são?

S.R. - A amizade, acho que é a principal delas, conhecimento, acho que visão em relação à essas dificuldades, em relação aos preconceitos. Eu desenvolvi muito minha liderança. Eu sempre tive essa característica de líder, mas o futsal me fez desenvolver isso, acho muito importante. Capacidade de comunicação, de integração. Acho que tudo isso o esporte trás. Então, acho que é mais ou menos isso.

C.M. – No futebol sempre se fala na questão da mulher no futebol. E qual a sua ideia de mulher, o que é ser mulher para você?

S.R. – O que é ser mulher para mim? [RISO]

---

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ser mulher para mim é ter autonomia para fazer o que quiser, ter os mesmos direitos, ou ter aos teus direitos para fazer o que tu quiser e não depender de ninguém assim. Nunca tinha pensado nessa... O que é ser mulher... [RISO]

C.M. – Relacionado com essas questões da mulher no futsal, no futebol, se fala muito também na feminilidade, nessa questão de gênero. Você acha que a prática do futsal interfere na sua feminilidade?

S.R. – Eu acho que não. Interferir, não sei se interfere, mas acho que não. É claro que as vezes dependendo do jogo, ele se torna mais bruto, se torna um pouco mais agressivo, mas isso não te faz ficar mais ou menos feminina. Não te faz ser mais ou menos mulher, digamos assim né. Acho que essa questão de feminilidade vem antes do futsal, lá na criação, uma coisa que já nasce contigo. E o futsal acaba, às vezes, acho que ajudando assim, mas interferir, eu acredito que não.

C.M. – Você falou agora que se tornou vaidosa de uma outra forma. Ainda você se considera uma mulher vaidosa?

S.R. – Sim.

C.M. – Por quê?

S.R. – Ainda mais do que antes. Porque hoje eu me preocupo mais com meu cabelo, com me vestir para certas ocasiões, cuido mais a roupa que vou usar. Eu gosto, me sinto bem. Eu gosto de estar bonita independente para quem. Eu me olhei no espelho: “Está bom, gostei de mim assim”. Então eu acho que esse gostar de ti, te torna vaidosa, independente de como tu esteja. Então por isso, eu comecei a gostar mais de mim, então por isso eu comecei a ficar mais vaidosa.

C.M. – E quando, no momento do jogo, antes do jogo e depois do jogo, como se reflete essa vaidade?

S.R. – Antes do jogo eu sempre passo um creme no corpo, passo um creminho. Amarro o cabelo, boto um creme no cabelo também, vejo se o uniforme está direitinho, arrumo a meia como eu gosto. E depois do jogo, eu saio daquele jeito né: toda escabelada, suada, fedorenta. [RISO] Então, eu lavo o rosto, arrumo o cabelo de novo, passo um desodorante.

C.M. – E quando, em termos de comportamento, de personalidade, o que você acha que é ser feminina?

S.R. – O que é ser feminina? [PAUSA] Boa pergunta! [RISOS] Acho que assim. É que existem vários tipos de feminilidade, eu acredito. Tem umas meninas que são mais femininas e outras menos. Não sei se isso é certo. Mais feminina é que se arruma toda a hora, que está sempre preocupada com a questão da aparência, que está sempre maquiada, com a roupinha da moda, essas coisas assim. [RISO]

C.M. – Você já falou sobre o que o futsal deixou para a sua vida. Em termos de valores, gostaria de falar alguma outra coisa?

S.R. – Nossa, valores. Isso é uma coisa que eu toco muito, em relação isso. Pois eu acredito que nossos valores são tudo. Meu caráter é espelhado nos meus valores. Eu já tinha valores que minha mãe me passou, quando me criou e que eu pude desenvolver um pouco mais dentro do futsal. Aquela questão de respeito com as tuas colegas, com as adversárias. A questão de honrar teu time, quem está jogando do teu lado. Acho que mais isso. Uma tecla que eu bato bastante, e o valor que a gente mais utiliza é o respeitar o outro, o respeito, independente. Dentro da quadra é uma coisa, a gente vai brigar pela bola, a gente vai disputar o jogo, mas a gente não precisa faltar com respeito em nenhum momento para que a gente consiga conquistar nosso objetivo, e fora da quadra é a mesma coisa. Posso ter feito uma falta em ti, no meio da quadra no jogo, mas vou te pedir desculpa e saindo do jogo nos vamos continuar sendo amigas e se respeitando.

C.M. – O que tua mãe acha de você jogar futsal?

S.R. – A minha mãe adora. Foi ela quem me incentivou. Porque eu sempre joguei na rua com os meninos, e ela que procurou a escolinha para que eu jogasse. Ela pesquisou no

Grêmio<sup>3</sup>, pesquisou no Inter. Como eu era gremista, ela foi no Grêmio ver. Achou a escolinha do Grêmio e me matriculou. Os treinos eram todas as terças e quintas de manhã. Durante um ano, ela me levou em todos os treinos, na terça e na quinta, na terça e na quinta. E era muito engraçado porque na turma da manhã tinha pouca gente, tinha umas cinco meninas só. Imagina tu dar aula para cinco, e mesmo assim tinha dias que estava chovendo, eu estava cansada, também era de manhã cedo. Eu dizia: “Mãe, acho que não vou.” E ela: “Vamos sim! Tu vai. Vamos sim, porque é menos uma.” Então, a partir daí tu pode ver esse tipo de valor que eu estava falando. Depois que eu troquei para a escolinha do inter, era de tarde, e ela tinha mais trabalho de tarde, porque foi sempre eu e ela, meu pai não era presente. Ela me ensinou a pegar ônibus, me ensinou como chegar no treino, como chegar em casa. “É isso aí, agora é contigo” ela dizia. Mas nos finais de semana, quando tinha jogos ela estava sempre junto. E agora na faculdade é a mesma coisa, sempre quando tem a oportunidade dela ir, se tem como ela ir, ela vai. Mas eu chamo ela de pé fria né. Eu digo que ela é pé fria, pois sempre que ela vai a gente perde. [RISOS] É brincadeira, mas se ela pudesse ir em todos os jogos, ela iria.

C.M. – E teus amigos e amigas, o que acham sobre você jogar futsal?

S.R. – Os meus grandes, a maioria dos meus amigos e amigas são do futsal. Então meus amigos de faculdade sempre souberam que eu jogava. E sempre gostaram muito. Nunca nenhum deles me falou alguma coisa referente a não gostar, ou represália. Sempre me apoiaram bastante, me perguntam sobre os jogos, como é que foi o campeonato, querem saber, quantos gols, se tomei cartão. Acho que isso acontece muito mais porque eu impus isso. Então eu não me deixei levar por essa questão. “Eu jogo futsal então eu tenho que me reprimir.” Eu sempre, quando me perguntavam, o que tu faz, eu respondia: “Trabalho”. “E tu joga alguma coisa?” “Sim, jogo futsal, jogo futebol.” “Ah que legal” E sempre joguei, quando marcávamos os joguinhos eles me convidavam. Sempre foi bem tranquilo.

C.M. – Então vamos falar sobre o corpo. Com relação a aparência do seu corpo, que cuidados você tem?

---

<sup>3</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

S.R. – Eu sou bem cuidadosa. Também pela profissão, eu fui adquirindo conhecimento sobre o corpo, sobre a saúde, então eu procuro não comer muita besteira, não comer muita fritura, nem beber muito refrigerante. Claro que nada muito neurótico. Mas são coisas que às vezes eu evito comer, pois sei que vai refletir numa gordurinha a mais indesejada. Eu estava treinando futsal três vezes por semana, agora não estou treinando mais, mas já estou pensando no que eu posso fazer de atividade física para que eu mantenha esse corpo, digamos assim, essa aparência. E eu não gosto de ficar parada, então acho que isso reflete no corpo. Não sei exatamente se eu faço isso para o corpo, mas acaba se refletindo.

C.M. – E para você o que significa cuidar do corpo?

S.R. – Eu não gosto de ter umas gordurinhas a mais por exemplo. Então eu tenho que estar sempre em atividade, fazendo alguma coisa. Em relação a machucados, quando a gente joga, se machuca, isso eu não levo em muita consideração, mas a questão de peso e tal eu sou meio...

C.M. – Da estética, da figura, da aparência. Você faz academia?

S.R. – Não. Pois eu não tenho tempo agora. Mas eu trabalho com isso e acho que é o mínimo que eu deveria fazer. Mas as vezes eu corro, outras vezes eu treino futsal.

C.M. – Que práticas de embelezamento você usa?

S.R. – É mais com o meu cabelo. Eu faço uma selagem térmica. [RISO] Fica muito mais prático, como eu acordo cedo, tenho que fazer tudo rápido, o cabelo era uma coisa que me demandava muito tempo, para pentear, passar creme, de não sei o que lá. E sempre foi uma coisa que me incomodou, é, acho que me incomodou. Mas só prender e “pum” está pronto. Deu então. É um tempo que eu posso gastar com outra coisa. Então, o cabelo é a coisa que eu mais cuido, mais pela praticidade. Mas passo sempre um creminho nas mãos e nos braços, às vezes, não é rotina, mas na maioria das vezes eu passo. Uso brincos, mas não gosto de brincos muito grandes que ficam pesando na orelha, colar raramente. Acho que é isso.



C.M. – Tem alguma coisa que eu não perguntei que você queira registrar?

S.R. – Por hora não Claudinha.

C.M. – Então muito obrigada pela entrevista, depois vamos fazer outra entrevista para aprofundar outras questões. Te agradeço.

S.R. – Muito obrigada. Estou à disposição.

[FIM DA ENTREVISTA]